

**O conceito de *história* em Nietzsche:
da metafísica de artistas à Gaia ciência (1869-1882)**

FREDERICK GOMES ALVES*

1.

Trata-se de investigar o conceito de história no interior do pensamento do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). A pesquisa se concentra em dois dos três períodos da filosofia nietzschiana. O primeiro, de 1869-1876, compreende a aproximação com a filosofia de Schopenhauer e Kant, igualmente com o romantismo e a estética de Richard Wagner, revelando fortes preocupações com a renovação da cultura alemã, tendo a Grécia como modelo, e a fundamentação metafísica da existência por meio da arte (HABERMAS, 2000). O segundo período, 1876-1882, é de crítica à metafísica e a noções transcendentais, percebe-se também um alentado interesse por questões de ciência; prefigura-se aqui um movimento que se consolidará no terceiro período: de crítica da moralidade, das fundamentações morais e religiosas¹ (MARTON, 1990).

O termo *história*, no conjunto das produções intelectuais de Nietzsche, é empregado com considerável frequência. No entanto, não há, por parte do autor, uma conceitualização clara do que é história, o que suscita variadas interpretações neste sentido; afinal, assim como tantos outros – tais como filosofia, arte, ciência – a *história* é um termo polissêmico no pensamento de Nietzsche.

* Universidade Federal de Goiás. Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História. Bolsista da CAPES.

¹ Scarlett Marton expõe que o conceito de *valor*, caro a Nietzsche, será instaurado somente no terceiro período de sua obra (1882-1888); o que fica claro em *Além de bem e mal* e *A genealogia da moral*. (Cf. MARTON, Scarlett. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1990. p. 27) Este conceito é intrinsecamente relacionado ao de *moral*, apresentado em *Humano, demasiado humano*, local em que Nietzsche também trabalha com *moralidade dos costumes*. Para esboçar a perspectiva deste amadurecimento, que leva ao conceito de *moral*, é interessante também notar uma sutil relação entre *tábua de valores* em *A gaia ciência* e um *ciclo de deveres* na *Terceira consideração intempestiva: Schopenhauer educador*. Estas são noções que vão sofrendo alterações ao longo da obra do filósofo, através das quais é possível fazer uma história, uma história da transformação dos conceitos no interior da filosofia de Nietzsche. É o que pretende-se aqui com o próprio conceito de *história*.

Em *O nascimento da tragédia*, há uma crítica da história enquanto disciplina acadêmica pelo fato de ser um dos elementos que obstrui a saúde de uma cultura, no caso, a moderna. Na seção §23, a história é considerada um conhecimento científico que traz desvantagens para a cultura, eliminando a força vital do mito. Assim, é presumível que “em uma prova severa, quase todo mundo sintam-se tão decomposto pelo espírito histórico-crítico de nossa cultura, que a existência do mito outrora se nos torne crível somente por via douta”; ele continua “Sem o mito, porém, toda cultura perde sua força vital sadia e criadora: só um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo movimento cultural.” (NIETZSCHE, 1992, §23, p.135). Deste modo, a história impede o surgimento dos mitos e danifica a cultura, neste sentido ela é prejudicial para a vida.

Na *Segunda consideração intempestiva*, a preocupação será justamente perguntar pela utilidade e desvantagem da história para a vida. Se no *Nascimento da tragédia* a história aparece, fundamentalmente, como prejudicial, resta perguntar pela sua utilidade, pelo modo como ela pode ser útil, pois “Somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la” (NIETZSCHE, 2003, p.5).

Este texto é o mais rico em asserções sobre a concepção nietzschiana de *história*. Nele, o caráter da história como uma ciência é asseverado. Não obstante a história jamais “poderá e deverá se tornar ciência pura, mais ou menos como o é a matemática.” (2003, p.17) ele não diz que ela jamais poderá se tornar, ou se já é, uma ciência legítima. A história é “a ciência do vir-a-ser universal” (2003, p. 32) e sua intenção é apresentar seu proveito para a vida.

A preocupação maior de Nietzsche não era discutir a legitimidade da história como ciência, mas precisamente o uso que os historiadores faziam deste estatuto, de modo que ele não desenvolve maiores esclarecimentos a esse respeito². É preciso investigar o sentido empregado à *história* ao longo das obras de Nietzsche no período recortado. Vejamos ainda mais alguns usos que o filósofo alemão faz da *história*.

A *Terceira consideração intempestiva: Schopenhauer educador* é a defesa de um projeto de educação que toma por modelo a filosofia de Arthur Schopenhauer, para a edificação de uma cultura superior. Nela, há esclarecimentos sobre o sentido da

² Um dos elementos mais significativos neste texto é a crítica da *objetividade*, que Nietzsche identifica como sendo o tópico nuclear de preocupação dos historiadores para garantir a cientificidade de sua tarefa. Segundo o filósofo alemão, a principal preocupação deveria ser a reflexão do modo como o conhecimento histórico é direcionado para um aumento da vida humana, tal como os gregos fizeram.

intempestividade característica de Nietzsche. Ser intempestivo, segundo ele, é ser “capaz de elevar alguém acima da insuficiência da atualidade” (2004, p. 146). Suas considerações intempestivas são o modo pelo qual ele adquire uma postura crítica diante de sua época³.

Para criticar sua época é necessário que o filósofo conheça outras, que vivem de maneira distinta da sua. É assim que a história entra em cena neste texto. “Sé é vantajoso ocupar-se com a história dos povos antigos ou estrangeiros, o é ainda mais para o filósofo que quer pronunciar um julgamento justo sobre o destino geral da humanidade” (2004, p. 161). Pronunciar um julgamento justo é avaliar o ciclo de deveres que orienta as ações de determinada cultura, e caso este ciclo de deveres levem a negar a vida, como acontece à modernidade, resta ao filósofo intempestivo receitar os meios de cura da mesma. A história é utilizada como fornecedora de elementos profiláticos que inoculam saúde numa cultura. “Aquele, então, que reconheceu o que há de desrazão na natureza desta época deve refletir nos meios de fornecer para ela alguns remédios; e sua tarefa será a de apresentar Schopenhauer aos espíritos livres e àqueles que sofrem profundamente com nossa época” (2004, p. 203)⁴.

A preocupação de Nietzsche é com sua época, a cultura moderna. Portanto, o filósofo alemão se pronuncia: “... não saberia [eu] que sentido teria a filologia clássica em nossa época senão o de atuar nela de maneira intempestiva – ou seja, contra o tempo, e com isso, no tempo e, esperemos, em favor de um tempo vindouro.” (2003, p.7).

Os três textos supracitados são os mais expressivos do objeto tomado para a investigação no primeiro período da filosofia de Nietzsche; juntamente com os

³ Nesta obra, o cristianismo aparece pela primeira vez como problema. Ele vai receber maior atenção em *Aurora* até se fortalecer em *A genealogia da moral* e, sobretudo, em *O anticristo*. Na *Terceira intempestiva* ele diz: “O homem moderno vive neste vaivém entre o cristianismo e a antiguidade, entre um cristianismo de costumes tímido ou mentiroso e um pensamento segundo o estilo antigo, igualmente sem coragem e confuso consigo mesmo; aqui, ele [o homem moderno] se encontra mal” (NIETZSCHE, 2004, p. 146).

⁴ *Espírito livre* é o tipo humano mais elevado na segunda etapa da filosofia de Nietzsche. Na contracapa da primeira edição de *A gaia ciência* (1882), Nietzsche assim escreve: “Este livro conclui uma série de obras de Friedrich Nietzsche, cujo objetivo comum é estabelecer *uma nova imagem e novo ideal do espírito livre*.” (Nota do tradutor Paulo César de Souza à *Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001, p.318). O fato de este conceito aparecer, ainda que não plenamente desenvolvido, na *Terceira consideração intempestiva*, que data de 1874, é sintomático da continuidade entre os três momentos da filosofia nietzschiana; a divisão da obra em fases é uma operação metódica para auxiliar na compreensão, de modo algum para estabelecer rupturas absolutas.

conceitos que se relacionam ao de história é possível, através destas obras, elaborar um quadro do período que sirva de base para a investigação do conceito de história no jovem Nietzsche.

As obras que cumprirão tal função no segundo período são as seguintes: a) *Humano demasiado humano, volume 1*; b) *Humano, demasiado humano, volume 2: Opiniões e sentenças diversas e O andarilho e sua sombra*; c) *A gaia ciência*.

A história em *Humano, demasiado humano, volume 1*, é uma forma de conhecimento municidora de registros que atestam a mudanidade dos valores; o conhecimento histórico explicita a referência dos valores no mundo humano. Para Nietzsche, é preciso uma disciplina que auxilie na investigação histórica do surgimento e transformação dos sentimentos morais, a psicologia desenvolve esta função. A psicologia “temperada e afiada sob os golpes de martelo do conhecimento histórico, talvez possa um dia, em algum futuro, servir como o machado que cortará pela raiz a ‘necessidade metafísica’ do homem” (2005, §37, p. 44).

Ao mostrar que os sentimentos morais surgem neste mundo, Nietzsche quer desconstruir quaisquer fundamentações metafísicas da existência e dos valores que a orientam. História se alia à Psicologia para constituir um filosofar histórico. “Mas tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas. – Portanto, o *filosofar histórico* é doravante necessário e, com ele a virtude da modéstia.” (2005, §2, p.16).

No segundo volume de *Humano, demasiado humano*, a história mantém sua função. Trata-se de descobrir a origem histórica dos sentimentos morais e, com isto, provar a ausência de sentido de qualquer fundamento metafísico. A história torna-se instrumento de destruição de valores metafísicos e, igualmente, de instauração de valores humanos, mundanos. O aforismo 17, convenientemente intitulado *Felicidade do historiador* ilustra bem esta posição.

“Quando ouvimos os engenhosos metafísicos e trasmundanos falarem, sentimos, é verdade, que somos os ‘pobres de espírito’, mas também que nosso é o reino celeste da mudança, com outono e primavera, inverno e verão, e deles é o mundo de trás, com suas cinzentas, gélidas, infinitas névoas e sombras.” – Assim falou consigo um homem, num passeio ao sol da manhã: um homem no qual não só o espírito se transformou ao estudar a história, mas também o coração, e que, ao contrário dos metafísicos, está feliz em não abrigar em si “uma alma imortal”, mas muitas almas mortais. (2008, grifo do autor. p.22).

Se n’*O nascimento da tragédia* Nietzsche sentia a necessidade de afirmar o caráter aparente deste mundo, sustentado por um além-mundo essencial, na sua metafísica de artistas; agora, no segundo período de sua obra, o procedimento é inverso. Sua felicidade repousa no “reino celeste da mudança”, no único mundo que existe, e sua característica fundamental é mudança, processo. O estudo da história ensina que os valores humanos estão vinculados a “muitas almas mortais”; são deste modo, relativos e circunscritos no tempo, não podendo mais ser sustentados por “uma alma imortal” metafísica.

Destarte o homem pode se libertar de prestar contas a valores eternos e imutáveis, e passar a se orientar a partir de valores deste mundo, mutáveis, imperfeitos – como tudo o que é humano – mas não menos úteis para a vida, assim ele pode tornar-se um espírito livre.

Na última obra deste período, *A gaia ciência*, o influxo que denota o interesse pela ciência continua de modo intenso. “Mas nós, os sequiosos de razão, queremos examinar nossas vivências do modo rigoroso como se faz uma experiência científica [...] Queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias.” (NIETZSCHE, 2001, §319, pp.213-4).

A razão, a verdade e a ciência adquirem um posto novo na hierarquia da filosofia nietzschiana desde *Humano, demasiado humano*, que marca o começo do segundo período. Nietzsche dialoga com os ideais de seu tempo mas não opera uma simples cópia dos mesmos em sua filosofia. Afinal, sua ciência é uma gaia ciência. “‘*A vida como meio de conhecimento*’ – com este princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até *viver e rir alegremente!*” (2001, §324, grifos do autor, p. 215).

É de modo tangencial que a história aparece neste escrito. Diante da profusão de temas abordados, um dos aforismos mais significativos em face do objeto da pesquisa é o de número 337. O filósofo mantém a percepção, explicitada na *Segunda intempestiva*, do sentido histórico como uma doença e uma virtude. Ele afirma: “– Se contemplo a era presente com os olhos de uma era longínqua, não vejo no homem atual coisa mais digna de nota do que sua característica virtude e doença, denominada ‘sentido histórico’” (2001, §337, p.225).

Encarado como doença, Nietzsche busca destruir o sentido histórico que não serve a vida; tomado como virtude, faz-se necessário notar sua utilidade para a vida, seu

objetivo na formação do que é humano: “Nós, os homens de agora, começamos justamente a formar, ele e elo, a cadeia de um futuro sentimento bastante poderoso [...] Esse divino sentimento se chamaria então – humanidade!” (2001, §337, pp.225-6).

Portanto, entre os dois períodos há vivas mudanças em alguns dos conceitos fundamentais da filosofia nietzschiana. Os referenciais teóricos claramente se alteram, o campo de interesses é nitidamente modificado (MARTON, 1990). De modo que a hierarquia dos conceitos sofre alterações, e neste ínterim é possível mapear e situar o conceito de *história* em Nietzsche, seu papel, suas articulações, seu caráter, sua finalidade.

O procedimento será o de, a partir da centralidade da vida, perceber a maneira pela qual o conceito de história se articula com este centro de gravidade e a dinâmica de sua relação com os temas mais recorrentes do pensamento nietzschiano, quais sejam, filosofia, arte, ciência e cultura⁵.

2.

Partindo de uma consideração bibliográfica, existem consideráveis trabalhos que refletem sobre o modo filosófico-histórico por Nietzsche empregado. Ignorar o interesse que este pensador tinha por história, seja para afirmá-la ou para negá-la, não parece ser o caminho tomado por nenhum de seus comentadores. Entretanto, não é possível compartimentar suas leituras sobre o conceito de *história* em Nietzsche em grupos delimitados, com posições bem definidas. Cada autor tem uma interpretação singular sobre este tema, e o que será feito aqui é proporcionar a visão que os mesmos têm sobre a *história* em Nietzsche.

O ponto de partida comum na bibliografia sobre a relação ‘Nietzsche e a história’ é a articulação entre a *Segunda consideração intempestiva* e *A genealogia da moral*. Hayden White, em seu famoso livro *Meta-História*, afirma que ambas “tinham em vista realizar a mesma operação cirúrgica no pensamento histórico de seu tempo.” (1995, p.342). Na mesma esteira segue Michel Foucault; no artigo intitulado *Nietzsche, a genealogia e a história* este percebe nas obras de Nietzsche, entre outras coisas, uma crítica veemente ao pensamento histórico do século XIX; Foucault afirma que “o

⁵ Estes temas possuem, eles mesmos, conceitos que lhes são fundamentais, e igualmente sofrem alterações ao longo do amadurecimento da filosofia do autor.

historiador pertence à família dos ascetas” (2000, p. 276), classe sacerdotal que Nietzsche pretendia suprimir.

White tem interesse em apresentar a filosofia da história de Nietzsche, afirmando que este elabora uma síntese dos três tipos de história criticados na *Segunda intempestiva*. Tal síntese seria o modo correto de fazer história, “Uma noção da história como uma arte trágica” (1995, p.359). Avaliar, com White, até que ponto esta síntese é válida é fundamental para compreender o conceito de história no primeiro período da filosofia de Nietzsche.

Apesar de frutífera, a relação entre a *Segunda consideração intempestiva* e *A genealogia da moral*, empregada por ambos os autores, precisa ser problematizada, pois para além do simples distanciamento temporal (a primeira data do ano de 1874, sendo de 1887 a segunda), as obras encontram-se em grupos de interesses diferentes e operam com um instrumental teórico-conceitual distintos. Esclarecer este instrumental e os interesses que orientaram a produção das obras do primeiro como do segundo período é a forma mais adequada para se compreender o conceito de *história* de Nietzsche.

Scarlett Marton, uma importante comentadora da filosofia nietzschiana no Brasil, coloca em cena o crescente interesse que Nietzsche vai adquirindo pelas ciências. De modo que: “Suas preocupações, por vezes, são ditadas muito mais pelas questões candentes da investigação científica de seu tempo que pelos problemas filosóficos ou filológicos, como seria de se esperar.” (MARTON, 1990, p. 13)

Marton fala ainda da relação entre história e a disciplina da psicologia na obra do filósofo alemão, e aqui será frutífero acompanhá-la na investigação da relação entre ambas. “Nas passagens em que trata especificamente da psicologia, Nietzsche ressalta a necessidade de romper com a metafísica no exame das questões morais, destaca o auxílio que a história pode prestar na reflexão sobre elas [...]” (1990, p.71). Não obstante a importância da história para a psicologia, na destruição da metafísica e de seus fundamentos filosóficos, segundo a autora, a história não é vista por Nietzsche como uma ciência. “Nietzsche rejeita a idéia de que a história possa constituir um domínio específico do saber. Com isso, posiciona-se contra a tendência, presente em sua época, a fazer dela uma ciência.” (1990, pp. 76-7).

Na mesma linha está o francês Henri Lefebvre. Este radicaliza a crítica de Nietzsche à história e ao pensamento histórico. Em seu livro *O fim da história* afirma

que o filósofo alemão nega a história, defendendo uma época pós-histórica. Nietzsche seria então “o primeiro a encarar a hipótese de uma *civilização* diferente da nossa, porque nasceria do repúdio da história, da historicidade, do histórico, do passado e seu conhecimento” (19-- , p. 22). Segundo o autor, Nietzsche censurou a história pelo seu hegelianismo legitimador do Estado e negador da cultura, um “sistema de incultura (*System der Nicht-Kultur*)” (19-- , p. 96).

Mas o fundamental é a liquidação nietzschiana da história. A extinção do objeto real (a história como processo) e igualmente do objeto do conhecimento (história como ciência). “Com e após os *Unzeitgemässe Betrachtungen*, Nietzsche prossegue obstinadamente essa liquidação em vários planos: a) Da historicidade, fundamento ou essência da história; b) Da história como ‘disciplina’, ciência, formação, cultura.” (19-- , p.100).

Aqui, é preciso posicionar-se criticamente diante da bibliografia, pois faz-se necessário investigar mais a fundo a relação de Nietzsche com o pensamento histórico de sua época. Neste sentido, um importante investigador é Thomas Brobjer. Suas pesquisas direcionam-se na averiguação direta da biblioteca de Nietzsche e, de maneira especial, às obras de história que este teve acesso.

Thomas Brobjer é de fundamental importância na consideração sobre o conceito de *história* em Nietzsche, pois ele analisou até mesmo as anotações que o filósofo alemão fazia nos livros, revelando o forte tom heurístico de sua pesquisa. No artigo “*Nietzsche's view of the value of historical studies and methods*” ele faz ver que há muito mais de história na filosofia de Nietzsche do que pretendem reconhecer seus comentadores. Sua crítica à história é pela forma como esta era feita em sua época, de forma destruidora dos mitos, fundamentais para a saúde de uma cultura.

In On the Uses and Disadvantages of History for Life Nietzsche is not completely critical of historical studies and methods, but he is severely hostile to academic, scholarly, and scientific history, which, he argues, depersonalize, destroy myths, give a false sense of progress and the illusion that we are in a position to judge earlier periods, and make action more difficult (in direct parallel to his critique of Socrates, theoretical men, and science in his previous book The Birth of Tragedy). (2004, p. 302)

Em “*Nietzsche's relation to historical methods and nineteenth-century German historiography*” Brobjer afirma que “[...] contrary to the above-mentioned views and expectations, Nietzsche knew the major historians well (some of them even personally), that his reading and knowledge of them was profound, that he was deeply influenced by

them” (2007, p.156) e prossegue esclarecendo “[...] in the most important ways, including regarding method, *his view of them was positive*” (2007, p.156, grifo do autor).

É preciso ainda apresentar dois autores cujas obras focaram o tema da cultura na filosofia nietzschiana. É imprescindível refletir sobre a cultura para buscar um entendimento válido do conceito de *história* em Nietzsche. São eles: Georg Simmel e Frederick Copleston.

Georg Simmel, em texto que debate as filosofias de Schopenhauer e Nietzsche, aponta argumentos para a distinção fundamental da filosofia afirmativa deste, frente ao pessimismo schopenhaueriano. A vida como o valor supremo indica o desenvolvimento do humano num processo, o que “Desde el principio indica la mayor oposición com Scopenhauer, el que el pensamiento de Nietzsche esté todo él lleno de representaciones históricas” (19--, p.133).

O autor apresenta uma preocupação nietzschiana não com a sociedade, mas com o indivíduo e o tipo humano. “La sociedad como conjunto no puede ser individual [...] la humanidad puede existir en el individuo” (19--, p.141). É possível perceber, neste caminho, uma noção de cultura possuidora de teleologia sem uma escatologia, ou seja, há uma finalidade clara, um télos para a cultura, mas isso não se circunscreve num tempo específico, ou em qualquer tempo, a finalidade é a produção do tipo humano mais elevado, seja ele o gênio, o espírito livre ou o super-homem. “[...] para Nietzsche el valor de la humanidad está en lós individuos más elevados” (19--, p.148).

A interpretação de Frederick Copleston vai no mesmo sentido da leitura de G. Simmel. Segundo o autor, a cultura tem uma finalidade: a produção do gênio, do espírito nobre, e acaba, no terceiro período da filosofia nietzschiana, na formação do super-homem.

A produção do gênio é, assim, para Nietzsche, o alvo da cultura [...] a produção da mais fina flor da raça humana, o gênio, o espírito verdadeiramente nobre e original, o verdadeiro homem de cultura – que Nietzsche acabou de concretizar no Übermensch ou o Super-homem (COPLESTON, 1972, p. 66)

Copleston também assinala a finalidade do conhecimento histórico na filosofia de Nietzsche. “A cultura significa um *processo de vida*, natural, original, criador e genuíno, e não um conjunto de conhecimentos históricos. Pode, sem dúvida, incluir conhecimentos dessa natureza, mas tais conhecimentos não se devem considerar

essenciais.” (1972, grifo do autor, p.59). Na cultura pode haver conhecimento histórico, mas ela não deve reduzir-se a isto, como foi o caso alemão, segundo Copleston, e aí reside o substrato da crítica nietzschiana à cultura histórica de sua época, ou seja, à sua falta de direcionamento para a vida. No debate bibliográfico o conceito de *história* de Nietzsche está intrinsecamente relacionado ao tema da cultura, ambos sendo meios de enriquecimento da vida.

3.

Conforme foi apresentado, a vida é o centro da filosofia de Nietzsche. Entre os autores que percebem a magnitude deste elemento em sua filosofia estão Scarlett Marton: “O único critério que se impõe por si mesmo, no entender de Nietzsche, é a vida.” (1990, p.87) e Georg Simmel: “Así como Schopenhauer no conoce más que un valor, no vivir, Nietzsche tampoco conoce más que uno, vivir”, afirma ainda que todos os valores e toda moral “no son más que medios para la afirmación e intensificación de la vida” (19--., p.132).

Destarte a história, como uma forma de conhecimento, precisa ser direcionada para a afirmação da vida, e ela deve ser avaliada a partir deste critério. “[...] o estudo da história não devia constituir um fim em si mesmo; devia servir de meio para algum fim ou objetivo *vital*.” (WHITE, 1995, p.340). Portanto, sendo a vida o centro de gravidade a partir do qual todos os conceitos se orientam na filosofia de Nietzsche, e sendo a história mais um conceito neste sistema solar vital, é que o problema da pesquisa se constitui.

Como Nietzsche diz na *Terceira intempestiva*, é preciso não somente “descobrir a força central” mas a dinâmica do sistema solar e planetário que revele a vida e, igualmente, “descobrir a lei da sua mecânica superior” (2003, p. 143). De tal modo, o problema da pesquisa não é identificar a vida como o elemento central e tampouco retificar a necessidade da história servir à mesma, o que já está claro na obra de Nietzsche; e na bibliografia isto é recorrente. O problema é justamente descobrir a lei que rege esta “mecânica superior”, é perguntar pela função que a história desempenha neste sistema.

Qual é precisamente o papel da história na filosofia de Nietzsche? De modo mais preciso, tal problema se desdobra em três: Qual a dinâmica da história com a filosofia, a

arte, e a ciência (os três eixos centrais do pensamento nietzschiano)? Quais suas conexões com a cultura? Os períodos em destaque (o primeiro e o segundo) comportam grupos de interesses particulares, qual seu comportamento quando circunscrita em cada um destes grupos?

Em segundo lugar, a história para Nietzsche seria uma espécie de arte? Ou o contrário, seria ela justamente uma ciência? Por fim, o conceito de história em Nietzsche depende de quais circunstâncias? Quais os desafios que ele implica? Quais funções ele preenche e deve preencher? Seu conceito de história se aproxima ao dos historiadores da época? Ou resume-se ele num simples repúdio destes?

Este trabalho, na medida em que se insere na atividade da Teoria da História, deve absorver em seu campo de questões a forma pela qual a compreensão do conceito de história em Nietzsche pode auxiliar no modo como se faz história hoje. É necessário que se reflita e explicita, portanto, como entender um estado de coisas no passado pode auxiliar na vida humana prática no presente e, fundamentalmente, no “progresso do conhecimento” da ciência histórica (RÜSEN, 2001, p. 103).

Estas são as questões que, uma vez investigadas, permitirão esclarecer melhor a posição de Nietzsche frente ao pensamento histórico moderno e possibilitar uma compreensão mais ampla de sua filosofia. Igualmente, será possível atualizar teoricamente o conceito de *história* em Nietzsche para auxiliar na realização da ciência histórica contemporânea.

4.

Com base nas observações supra, é possível formular algumas hipóteses que auxiliarão na orientação da investigação a que a pesquisa se propõe.

a) O conceito de *história* desempenha uma função formativa na filosofia de Nietzsche. Ele fornece uma variedade de conhecimentos que atestam e comprovam que toda relação humana ocorre em processo, ou seja, no tempo. A compreensão deste processo suscita uma postura afirmativa diante da vida, pois a história fornece ao indivíduo uma percepção mais aguçada de sua própria época. Ela permite conhecer, refletir e agir na vida humana prática. A história, tal como Nietzsche a propõe, constitui identidade na medida em que enseja a formação da consciência histórica que possui,

como qualidade axial, a força plástica. Tal força plástica possibilita o diálogo intercultural: as culturas, coletivamente ou entre indivíduos, podem dialogar uma vez que possuem identidades historicamente formadas. Seus valores são relativizados, circunscritos neste mundo. O conceito de *história* em Nietzsche permite a relação humana no tempo, uma vez que não se circunscreve a instâncias metafísicas.

b) No primeiro período o conceito de história serve para entender a relação entre culturas distintas, permitindo o diálogo e enriquecimento das mesmas; no segundo, ele é a ferramenta mais utilizada, juntamente com a psicologia, para destruir a metafísica, ao demonstrar o caráter demasiado humano de todas as coisas. O elemento que garante continuidade é o papel formativo que a história desempenha na cultura, e no humano.

c) As quatro *Considerações intempestivas* são o interlúdio entre as duas fases de Nietzsche aqui trabalhadas. Elas estão inscritas no primeiro período mas já apresentam elementos que serão desenvolvidos no segundo.

d) A investigação a que a filosofia de Nietzsche se propõe é atual. É preciso empreender um esforço teórico que reflita constantemente sobre a aplicabilidade do conhecimento na vida humana prática. O conhecimento científico não pode ser produzido em si, ele precisa ter uma finalidade clara, o que não quer dizer instrumentalizá-lo, mas sim refletir sobre seu papel na vida. Ao perguntar sobre a utilidade, e desvantagem, da história para a vida é nesta direção que a filosofia de Nietzsche caminha.

5.

Por fim, é necessário que se exponha os pressupostos teórico-metodológicos norteadores da pesquisa.

Na tentativa de responder de modo consistente à problemática central surge ainda uma dificuldade. As diferenças entre o primeiro período, o da metafísica de artistas, e o segundo, do espírito livre e da *Gaia ciência*, são consideráveis (MARTON, 1990; DELEUZE, 1976). Para resolvê-las será preciso então elaborar a história do conceito de *história* em Nietzsche.

Destarte, a presente pesquisa se insere na linha teórica da história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*) de Reinhart Koselleck. A história dos conceitos é uma dimensão da história que, juntamente com a história social, engloba todos os tópicos da história, tais como: história militar, política, econômica. Ambas as dimensões não são sub-tópicos da ciência histórica, elas possuem embasamento teórico que podem ser aplicados em todas as histórias. (KOSELLECK, 2002).

Enquanto a história social toma os textos como ponto de partida para problemas que vão além dos mesmos, a história dos conceitos ocupa-se especificamente com os textos. Seu foco está nos problemas de caráter linguístico, seu estudo é do âmbito da Linguagem, legando à história social o estudo do Mundo social. Apesar das distinções, os domínios da história social e da história dos conceitos não são excludentes, o mundo social só é apreendido conceitualmente, e os conceitos sempre se circunscrevem neste mundo (KOSELLECK, 2006).

Portanto, a história dos conceitos caracteriza uma pesquisa histórica enquanto eminentemente teórica, deixando os “conteúdos extralinguísticos” para “o campo específico da história social” (KOSELLECK, 2006, p.106). “Ela interpreta a história em um sentido particular, por meio dos conceitos em uso no passado [...] assim como também entende os conceitos historicamente” (KOSELLECK, 2006, p.110).

O procedimento é o da inserção das categorias históricas de “Espaço de experiência” e “Horizonte de expectativa”. Tais categorias permitirão o acesso à estrutura semântica deste conceito na historicidade dos dois períodos da filosofia nietzschiana a serem investigados. Enquanto categorias, não são dedutíveis das fontes; eles compõem a linguagem científica do historiador na sua investigação do passado.

Em síntese, o trabalho procederá a uma investigação do ‘espaço de experiência’ e do ‘horizonte de expectativa’ da filosofia nietzschiana. O primeiro é o campo em que Nietzsche estava inserido – os pensadores (historiadores, filósofos, políticos, etc) com os quais Nietzsche manteve diálogo e que foram influentes, direta ou indiretamente, em sua produção filosófica. Será preciso “entender o uso da língua pelo autor, por seus contemporâneos e pela geração que o precede, com os quais ele viveu em comunidade linguística.” (KOSELLECK, 2006, p. 100).

O segundo é o campo das projeções, das esperanças e planos que se formaram num projeto filosófico de Nietzsche para o tipo humano. O futuro, tomado como

expectativa, altera significativamente o presente, o exame das expectativas contribui para a compreensão de um estado de coisas no passado. O passado, como experiência, e o futuro, como expectativa, formam a tensão que constitui a consciência histórica. (KOSELLECK, 2006, pp. 309-314). Investigar a consciência histórica a partir destas categorias permitirá uma compreensão da historicidade do conceito de *história* na filosofia de Nietzsche.

A história dos conceitos não pode ser feita sem uma teoria da periodização; formular teoricamente, de antemão, as especificidades temporais dos conceitos, bem como ordenar a fonte de materiais. É preciso entender os termos e suas mudanças semânticas nas acelerações no interior do tempo humano, isto precisa ser entendido pelo método histórico e traduzido em nossa linguagem (KOSELLECK, 2002). Assim, é preciso entender os conceitos de Nietzsche e suas relações com o conceito de *história* nas alterações no interior dos dois períodos de sua filosofia, e igualmente perceber suas especificidades temporais em cada período.

Para auxiliar nesta atividade teórica, as investigações em Teoria da História de Jörn Rüsen servirão para aumentar qualitativamente o caráter reflexivo da pesquisa. Seus trabalhos serão aplicados em paralelo aos de Koselleck, sobretudo no tocante à problemática da utilidade da história para a vida. “O que se considera história, do passado, mede-se pelo critério de sua utilidade (ou inutilidade) para a expansão do quadro de referências de orientação temporal da vida prática atual.” (RÜSEN, 2001, p.84)

Assim, o método a ser empregado será o método mais adequado em Teoria da História, o método que busca relacionar *dialeticamente* analítica e hermenêutica enquanto operações substanciais, ou seja, interpretando e analisando as asserções das fontes tendo como base a bibliografia especializada (RÜSEN, 2007).

BIBLIOGRAFIA

ARALDI, Clademir L. As criações do gênio – ambivalências da “metafísica da arte” nietzschiana. *Kriterion*, Belo Horizonte, nº119, p. 115-136, jun/2009.

BROBJER, Thomas H. Nietzsche's relation to historical methods and nineteenth-century German historiography. *History and Theory* 46, pp. 155-179, (may 2007).

_____. Nietzsche's view of the value of historical studies and methods. *Journal of the History of Ideas*, Volume 65, Number 2, pp. 301-322. (April 2004).

COPLESTON, Frederick S. J. Nietzsche, filósofo da cultura. Porto: Livraria Tavares Martins. 1972.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio. 1976.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Ditos e escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 260-281. 2000.

HABERMAS, Jürgen. Entrada na pós-modernidade: Nietzsche como ponto de inflexão. In: *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Cap. 4, p. 121-151. 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford, Califórnia. Stanford University Press, 2002.

_____. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *O fim da historia*. Lisboa: Dom Quixote, [19--].

MARTON, Scarlett. Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Editora Brasiliense. 1990.

_____. Nietzsche: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna. 1993.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

_____. Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

_____. Terceira consideração intempestiva: Schopenhauer Educador. In: *Escritos sobre Educação*. Melo sobrinho (org). Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio. São Paulo: Edições Loyola. 2003. pp.138-222.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Humano, demasiado humano volume II: um livro para espíritos livres (Opiniões e sentenças diversas e O viajante e sua sombra)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história I: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

_____. Reconstrução do passado: teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UnB, 2007.

SIMMEL, Georg. Schopenhauer y Nietzsche. Madrid: Libera los Libros. [19--].

WHITE, Hayden V. Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1995.